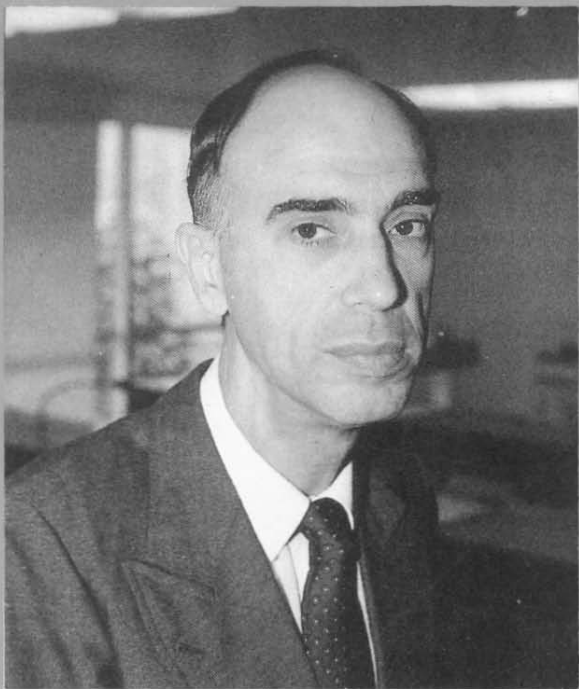


O PAPEL DA JUVENTUDE



MARCO MACIEL

1994

Juventude e campanha da fraternidade

"Vocês iniciam a vida num momento crucial da história. Vão ser os primeiros protagonistas do terceiro milênio, que está para começar. São vocês, jovens, os que vão traçar os rumos desta nova etapa da humanidade. São vocês os que lhe vão dar o sentido." (Homilia do papa João Paulo II, dirigido aos jovens, Cuiabá outubro de 1991.)

"A Campanha ensejou uma profunda reflexão sobre o papel dos jovens e suas perspectivas da sociedade moderna."

A Campanha da Fraternidade de 1992 elegeu como tema "Juventude-caminho aberto". Segundo a CNBB, organizadora da Campanha, o objetivo era chamar a atenção para a falta de perspectivas para a juventude nos dias de hoje, fenômeno não apenas brasileiro, mas universal, em face da crise por que passa o mundo.

Lembrar a questão do jovem é olhar para quase um sexto (mais de 17 milhões) da população brasileira, posto que se tem definido o jovem como aquele que possui entre 15 e 24 anos. Entendê-lo significa também compreender a sociedade em que ele vive.

"O modo de ser jovem", diz o texto básico da CNBB, "depende fundamentalmente de sua família, das condições sócio-econômica e das transformações culturais que os envolvem. E por juventude entenda-se, de modo convencional, a etapa da vida na qual se deveria desenvolver o conjunto de potencialidades práticas, intelectuais, psicológicas, afetivas, espirituais e morais do homem, ou seja, idade de transição, de definições e maturação de grandes opções".

A Campanha ensejou uma profunda reflexão sobre o papel dos jovens e suas perspectivas na sociedade moderna, em que assomam uma revolução tecnológica e as exigências de um novo humanismo.

Convém perquirir se o Brasil emancipado por um jovem, um príncipe de 24 anos, é a nação disposta a materializar o sonho idealizado de todo adolescente, ou se, ao contrário, o mundo que está sendo legado será apenas o desalento de todas as suas esperanças.

No quadro em que vivemos, não nos resta outro caminho que não o compromisso com a mudança. Porém, não a que resulte de concessões, pois que estas não existem, mas aquela que decorra de uma efetiva conquista da sociedade, com o concurso inestimável da juventude. Será, em verdade, uma mudança que brota da força irreprimível e da poderosa vocação criadora dos jovens, mudança que será a expressão das nossas inquietações, das nossas esperanças e das nossas necessidades, mudança que é também uma tarefa de todos os jovens e adultos.

Saliento, a propósito, que somos um povo rico de gestos que desconhecem, historicamente, as fronteiras entre gerações. Tomemos, como exemplo, nossa independência. Quando, no arroubo intuitivo dos seus vinte e quatro anos, o príncipe dom Pedro anteviu no 7 de Setembro a obra imperecível que estava criando, tinha a seu lado, camonianamente, podemos dizer, "a experiência do saber feito" de um José Bonifácio – de quem foi filho espiritual –, um ancião que se devotou ao serviço da Pátria para ajudar a emancipá-la, com um espírito reformista jamais superado em seu tempo.

O momento mais fecundo, portanto, de nossa evolução política não constituiu um confronto entre gerações. Foi, ao contrário, um instante de entendimento, em que diferentes gerações souberam, antes de tudo, compreender e honrar suas responsabilidades históricas. Que melhor exemplo poderíamos desejar, nesta ocasião, para invocar a confiança que devemos ter na juventude e sua

contribuição para a construção de um mundo justo e mais humano?

Dentre os pontos que a Pastoral elegeu para centro de sua atuação está a questão educacional. Continuo insistindo que não podemos pensar em cidadania, vale dizer, em democracia, nem podemos pensar em desenvolvimento, se não considerarmos a educação como a grande questão estrutural brasileira, porque o mundo de hoje não pode prescindir do acesso de todos à chamada "cultura letrada".

A peculiaridade deste final de milênio é a grande revolução científico-tecnológica, que abrange os mais diversos campos: a biotecnologia, a química fina, a mecânica de precisão, a informática de produção de novos materiais etc. Um país como o nosso há, pois, que fazer enormes investimentos em educação para participar, com êxito, desse processo.

Kennedy dizia que, em uma sociedade democrática, governar é "administrar pressões". Para isso é fundamental que a sociedade valorize a educação, fazendo-a alvo de maiores investimentos por parte dos governos e de instituições não-governamentais, da comunidade.

Como observou editorial de *"O Globo"*: "A dinâmica do Estado não é própria, mas derivada da sociedade e com o ímpeto que esta lhe tiver imprimido". Claro está que, se não tivermos consciência e, pelos meios democráticos, não pressionarmos os governos para que elejam a educação como prioridade real, essa área será sempre a prioridade meramente retórica, meramente verbal.

A verdade é que o País ainda não foi capaz de evitar a dolorosa realidade de abandono em que vivem milhões de crianças, nem sequer conseguiu ensinar a todas as crianças e adolescentes o acesso à escola; não pôde garantir trabalho indispensável a mais de um milhão de jovens que, anualmente, demandam o mercado de trabalho; e, muito menos ainda, assegurou a igualdade de oportunidades a que todos têm direito. Temos, assim, uma enorme hipoteca a saldar para com os jovens.

Se estamos sendo capazes de construir uma sociedade politicamente livre e participativa, que a eles caberá preservar, é indispensável que lhes propiciemos, desde já, os meios para que a façam também socialmente, justa e economicamente equilibrada.

Mesmo porque, como salientou o papa João Paulo II em homília durante sua última visita ao nosso País, "É no coração do jovem que se desenham, se projetam e se forjam as perspectivas futuras da humanidade. Se é verdade que, infelizmente, existem limitações e obstáculos para o pleno desabrochar dos seus sonhos humanos, também é certo que estes sonhos permanecem sempre abertos aos grandes ideais. Nada nem ninguém, a não ser nós mesmos, pode frustrar esses ideais".

Esta, pois, deve ser a preocupação maior de nosso projeto de uma nova sociedade tal como a queremos, como a imaginamos e como a idealizaram os que, antes de nós, plantaram a semente da liberdade que frutificou no devotamento ao princípio da liberdade com justiça, de justiça com igualdade e de igualdade com fraternidade.

Marco Maciel é advogado, formado pela tradicional Faculdade de Direito do Recife.

Presidiu o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco e a União dos Estudantes de Pernambuco.

Professor de Direito Internacional Público, tem ministrado aulas em diversas escolas de ensino superior do País. Fez curso de extensão sobre instituições americanas em Harvard.

Secretário de Estado de Pernambuco, Deputado Estadual e Líder do Governo na Assembléia Legislativa.

Deputado Federal em dois mandatos. Presidiu a Câmara dos Deputados.

Governador do Estado de Pernambuco.

Senador em dois mandatos. Ministro de Estado da Educação e do Gabinete Civil da Presidência da República.

É Líder do Partido da Frente Liberal no Senado Federal.